

CUBA

De Fidel a Alejo Carpentier

Leandro Konder

Ao longo de mais de 30 anos, as barbas românticas de Fidel Castro foram enbranquecendo. A bela revolução que ele liderou e acabou com a tirania do ditador Batista cedeu lugar à organização de um Estado controlado por um único partido. E o próprio Fidel se eternizou no poder.

O governo cubano vem se desgastando, na insistência com que continua a remar contra a maré da glasnost e da perestroika. Mesmo os socialistas que estão sempre dispostos a defender as conquistas da revolução cubana contra o imperialismo norte-americano se sentem, frequentemente, constrangidos com a falta de alternância no poder em Cuba e com a preservação do sistema do partido único. Mesmo os democratas que reconhecem e aplaudem os êxitos da política dos cubanos na área da saúde e da educação se sentem, muitas vezes, frustrados com a falta de liberdade para a expressão da diversidade das tendências existentes na sociedade.

A sociedade cubana não é simples. Nenhuma sociedade deste nosso subcontinente que se costuma chamar de América Latina pode ser compreendida e devidamente explicada com base em uma única doutrina. Mesmo uma corrente de pensamento tão poderosa como o marxismo quebra a cara quando dispensa o diálogo com outras correntes e se dispõe a proporcionar sozinho uma explicação cabal da nossa realidade. Transformado em ideologia oficial de um determinado Estado, o marxismo tende a enrijecer, perder a flexibilidade, não consegue se renovar suficientemente e vira um conjunto de dogmas.

O marxismo de Fidel parece estar ficando tão grisalho quanto sua barba. O espírito inquieto, inovador e questionador dos bravos revolucionários de dezembro de 1958 dá a impressão de estar ficando um tanto entorpecido. Dá a impressão de estar-se contentando com pouco, em sua maneira de ver (e de pensar) a nossa realidade.

Uma das indicações mais convincentes de que a realidade é bem mais rica do que podem supor umas tantas fórmulas do "marxismo-leninismo" pode ser encontrada num autor caro ao regime, escritor que apoiou a revolução cubana e morreu em 1980, aos 75 anos de idade, em Paris: Alejo Carpentier.

Trata-se de um escritor que já se tornou bastante conhecido do público brasileiro. Há 20 ou 30 anos, os escritores hispano-americanos só despertavam maior interesse entre nós depois de terem conquistado espaço na Europa. Agora, felizmente, essa situação está-se modificando. Carpentier já tem um número bastante razoável de leitores no Brasil.

Sem a pretensão de fazer uma lista exaustiva, lembro, de memória, os ensaios incluídos em "A literatura do maravilhoso" (ed. Vértice) e em "Literatura e consciência política na América Latina" (ed. Global), bem como as novelas e romances: "O reino deste mundo" (ed. Civilização Brasileira), "O recurso do método" (ed. Marco Zero), "O século das luzes" (ed. Labor do Brasil), "Os passos perdidos" (ed. Brasiliense), "A harpa e a sombra" (ed. Bertrand), "O cerco" (ed. Global) e "Ecué-yamba-ô" (ed. Brasiliense). E a Brasiliense lançou também, na coleção Encanto Radical, um livrinho sobre Carpentier, escrito pelo poeta argentino Jorge Quiroga.

Carpentier tem em comum com o argentino Jorge Luis Borges (de quem tantas outras características o separam) o fato de ter assimilado na Europa elementos decisivos no aperfeiçoamento da arte de escrever. Por um lado, ele é o crioulo, o mestiço, o "primitivo"; por outro, é o intelectual refinado e reflexivo, que se tornou amigo dos surrealistas franceses e adquiriu um quadro vasto e rico de referências teóricas para "estranhar" seu país e sua cultura particular.

Numa de suas "estranhas" narrações, sugestivamente intitulada "Viagem à semente", Carpentier põe na boca de um personagem que está sentado no chão a seguinte observação: "Só a partir do chão é que podem ser abarcados todos os ângulos e perspectivas de um cômodo. Existem belezas da madeira, misteriosos caminhos de insetos e cantos sombrios que são ignorados por um ser humano de pé". Em certo sentido, nós, latino-americanos, sentados no chão da nossa miséria, enxergamos coisas importantes que os europeus, de pé, não conseguem discernir.

Carpentier aprendeu demais com os europeus para se permitir embarcar na ingenuidade do "nativismo" (que em algumas ocasiões passa por "patriotismo" ou por "nacionalismo"). No entanto, o escritor cubano sabe que a nossa literatura, hoje, está em condições de ensinar aspectos fundamentais da condição humana aos nossos "mestres", desde que saibamos aproveitar, com suficiente abertura de espírito, a riqueza "antropológica" da nossa experiência.

Jorge Quiroga informa que Carpentier nasceu em Havana, filho de um arquiteto francês com uma moça de origem russa, professora de línguas. Quando era estudante universitário, participou de manifestações de protesto contra o então ditador Gerardo Machado e foi posto na cadeia. E foi na prisão que começou a escrever "Ecué-yamba-ô", seu primeiro romance, preocupado com a fecundidade e as angústias da



"negritude", de presença tão marcante na nossa cultura.

Em 1943, quase quarentão, acompanhou o ator Louis Jouvet numa viagem ao Haiti e lá recolheu material para uma de suas novelas mais notáveis, "O reino deste mundo". Nunca esqueci uma das cenas desse livro: a mulher de um fazendeiro riquíssimo, que era uma atriz de terceira categoria em Paris, é trazida pelo marido para o Haiti, onde tem dores de cabeça muito fortes e sofre de uma insônia irremediável. Em seu tédio infinito, a francesa acorda, de madrugada, os escravos negros e os obriga a ouvi-la declamar cenas inteiras de tragédias de Racine. Os escravos negros, estremunhados, não entendem direito o que está se passando, ouvem a patroa falar muito de "pecado" (recitando Racine) e, um movimento solidário, se apiedam dela, supondo que a dama está sofrendo de remorsos, por ter pecado muito no passado.

No encontro das duas culturas, cada um tem que aprender com a outra. Cada uma tem suas manhas, suas fintas, sua própria universalidade. E cada uma tem sua peculiar sensibilidade ao tempo.

Nossos tempos não são, nem poderiam ser, idênticos aos tempos europeus. Na Venezuela, Carpentier fez uma viagem ao alto Orinoco e, durante um mês, conviveu com índios das tribos mais "primitivas" da América. Deu-se conta de que, no nosso continente, a gente se desloca no espaço e acaba fazendo também uma viagem ao tempo, visitando um passado remoto, que a Europa já esqueceu e aqui está vivo. Segundo o grande escritor cubano, ele tinha se defrontado com "o tempo de Terra nos dias do Genesis". E essa experiência foi aproveitada no romance "Os passos perdidos".

Nesse mesmo período, Carpentier escreveu a novela "O cerco" (no original, "El asco"), na qual o tema do tempo volta a ser o tema central, porém muda sua abordagem: o relato apresenta um perseguido, que teria delatado companheiros de uma organização secreta, teria sido condenado à morte pela organização, e sabe que está vivendo seus últimos momentos, refugiado provisoriamente num cinema. A ficção recria com força a dor do tempo, tal como ele é vivido por um ser que não tem, nem pode ter, esperança no futuro.

O romance O século das luzes recria, mais uma vez, o tumulto desencadeado pelo encontro (desencontro?) de dois tempos históricos diversos: o tempo do Caribe escravista do século passado e o tempo revolucionário da França de 1789. O francês Victor Hughes trouxe os princípios libertários do jacobinismo para três adolescentes caribenhos, insuflou-lhes o entusiasmo pela causa da liberdade e, depois, frustra-os, declarando que é necessário respeitar as "razões econômicas" que tornam a exploração do trabalho escravo indispensável na região do Caribe... Ao jovem Esteban, o truculento Victor Hughes chega a dizer: "Hay épocas que no se hacen para los hombres tiernos". Uma frase terrível, que evoca, por contraste, outra frase bem conhecida, a de Che Guevara: "Hay que endurecerse, pero si perder la ternura jamás".

Aprendemos a pensar com mestres europeus, deles assimilamos os conceitos de que nos servimos e precisamos de suas construções teóricas até mesmo para criticá-los adequadamente. Na verdade, porém, nos defrontamos com uma realidade diferente, mais vasta do que aquela que os europeus puderam conhecer. E é essa nossa realidade, tão contraditória, tão surpreendente, que os nossos melhores escritores recriam, na ficção. E o que Carpentier chamou de "real maravilhoso".

Num título que por lapso deixei de incluir na minha lista de escritos de Carpentier publicados no Brasil - o magnífico Concerto barroco (ed. Brasiliense) - um personagem mexicano, se divertindo em Veneza, observa que os europeus nos acham seres de fábula: "Fábula é o que parecem as nossas coisas para as pessoas daqui, porque perderam o sentido do fabuloso". A cabeça deles está um pouco organizada demais, um pouco viciada pela eficiência organizativa. Por isso, especulam com timidez excessiva sobre o futuro. Para nós, ao contrário, tudo precisa ser improvisado. Para nós, se o presente é tão insatisfatório, o que conta, mesmo, são as fascinantes possibilidades do futuro. Carpentier sabe disso. Por isso, escreveu: "Todo futuro es fabuloso". (E o romancista português José Saramago pôs a frase na epígrafe de seu romance A jangada de pedra).

Para podermos nos dedicar à livre fantasia com que nos voltamos para esse futuro - sempre fabuloso - que nos há de libertar, precisamos estar disponíveis uns para os outros: precisamos abrir mais espaço para a manifestação da nossa diversidade interna. As ditaduras sempre nos strapalham. Carpentier não ignorava a inconveniência de toda e qualquer forma ditatorial de governo (como deixou claro em seu romance "O recurso do método"). Deu seu resolutivo apoio à revolução cubana, aceitou representá-la como embaixador em Paris, mas vivia na expectativa de uma flexibilização institucional, de uma abertura política em seu país.

Da leitura de seus ensaios e de seus romances, ouso extrair a convicção de que, se estivesse vivo, Alejo Carpentier haveria de se sentir consternado com as posições atuais do governo cubano e simpatizaria com a "glasnost" e com a "perestroika".